

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ISSN 0102-5767

**Cadernos de  
ESTUDOS  
LINGÜÍSTICOS  
53(2)**

**Organizado por**

*Eni Puccinelli Orlandi*

Cad.Est.Ling.	Campinas	Nº 53(2)	p.93-218	Jul./Dez. 2011
---------------	----------	----------	----------	----------------

## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Reitor: FERNANDO FERREIRA COSTA

Vice-Reitor: EDGAR SALVADORI DE DECCA

## **INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Diretora: MATILDE VIRGÍNIA RICARDI SCARAMUCCI

Diretor-Associado: FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA

## **SETOR DE PUBLICAÇÕES**

Coordenadora: MÓNICA GRACIELA ZOPPI-FONTANA

### **Equipe Editorial (SP-IEL)**

ESMERALDO SANTOS / NIVALDO ALVES / JOÃO DUEK

Capa-Projeto: JOÃO DUEK

Layout e Arte Final: E. A. SANTOS / N. ALVES / J. A. DUEK

---

*Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Universidade Estadual de Campinas.  
Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, nº 1 (ago. 1978–)  
Publicação Semestral  
ISSN 0102-5767

1. Lingüística – Periódicos. I. Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Estudos da Linguagem

**CDD 410.05**

---

### **Indexada em / Indexed in:**

LLBA (Linguistics and Language Behaviour Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, no MLA (Modern Language Association) Directory of Periodicals e International Bibliography, no CSA-Sociological Abstracts, no ULRICH'S International Periodicals Directory, Linguistic Bibliography/Bibliographie Linguistique

Revista *Cadernos de Estudos Lingüísticos*

Setor de Publicações – IEL/UNICAMP

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571

13083-859 – Campinas–SP–BRASIL

Fone/Fax.: (19) 3521 1528 – e-mail: *spublic@iel.unicamp.br* – [www.iel.unicamp.br](http://www.iel.unicamp.br)

**PEDE-SE PERMUTA**

## SUMÁRIO

COMPREENDER A CIDADE .....	97
ENI PUCCINELLI ORLANDI	
A fundação de um Estado: cidade de São Salvador, Brasil .....	101
PEDRO DE SOUZA	
A cidade nas canções: sentidos de perda e pertencimento .....	113
CRISTIANE DIAS	
O sentido das cidades virtuais .....	125
EDUARDO GUIMARÃES	
Em torno de um nome próprio de cidade: Sobre a produção dos sentidos de uma origem .....	137
CLÁUDIA C. PFEIFFER	
Políticas Públicas: Educação e Linguagem .....	149
JOSÉ HORTANUNES	
Praças Públicas na Contemporaneidade: história, Multidão e Identidade .....	157
MARCOS AURÉLIO BARBAI	
Uma imagem na cidade: no flagrante, um sentido .....	169
MÓNICA GRACIELA ZOPPI-FONTANA	
A cidade se mexe. Da bicicleta ao Cycle Chic .....	179
CAROLINA RODRÍGUEZ-ALCALÁ	
Escrita e Gramática como Tecnologias Urbanas: A Cidade na História das Línguas e das Ideias Linguísticas .....	197



## COMPREENDER A CIDADE

Este número da revista *Cadernos de Estudos Linguísticos* reúne estudos sobre a cidade.

Tem sido um trabalho de muitos anos, este de procurarmos compreender a cidade, ou dito de forma mais precisa, compreender os sujeitos e sentidos da cidade e na cidade. Para isto, lançamos mão da linguagem. Não como o faz o sociolinguista, ou o sociólogo da linguagem. Eles acrescentariam a linguagem a esta compreensão. Nós não consideramos a linguagem como um acréscimo ao conhecimento da cidade a que se dedicam, com seus instrumentos próprios, os especialistas do espaço, tais como o arquiteto, o urbanista, o antropólogo urbano, o sociólogo urbano e outros. Nós vemos a linguagem como constitutiva da compreensão do espaço urbano. Ela não é um acréscimo, ela é parte do objeto de conhecimento, que é a cidade. E ela é o método de compreensão. Daí termos criado, no Laboratório de Estudos Urbanos (LABEORB), a área e o grupo de pesquisa “*Saber Urbano e Linguagem*”. Ao mesmo tempo, esses estudos e pesquisas têm um seu lugar próprio, física e institucionalmente: o LABEORB, que, em 2012, completará 20 anos. Ter um lugar próprio, aqui, significa, já que trabalhamos com o espaço e os sentidos, a possibilidade de constituirmos uma disciplina na instituição Universidade, mais particularmente, um laboratório, em um Núcleo de pesquisas. Núcleo este que desde sua fundação desenvolve suas atividades com forte articulação com outras instituições, destacadamente com o Instituto de Estudos da Linguagem. E os núcleos, como se sabe, são lugar de encontro de diferentes disciplinas, de diferentes pesquisadores, em torno de um projeto comum que, muitas vezes têm como objetivo compreender melhor e dar um retorno a demandas sociais. Dessa forma, tanto a sociedade, mas, sobretudo, a ciência, vai deslocando seu saber, vai fazendo descobertas e produzindo subsídios para a compreensão de seu objeto, em nosso caso, a cidade.

É também um lugar físico, como disse. E o lugar físico, caracterizado como um espaço de estudos e pesquisas, também tem seus sentidos: o de reuniões, eventos e publicações, o da atração de interessados, o de formação de grupos de pesquisa, o de encontro de figuras da cidade, seja da rua, seja da administração, seja da produção urbana. “*O espaço é azul, pássaros voam dentro*”, tem sido quase um lema de trabalho. Esta frase, dita por Heisenberg, em resposta a uma pergunta científica: “*E se o espaço não fosse senão uma função hermitiana?*”. Para nós, que trabalhamos com o saber urbano e linguagem, não é. A cidade é um espaço simbólico trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes. Espaço de interpretação. E para poder responder o que é o espaço, da cidade, distinto para nós, do que é o espaço urbano, temos feito projetos individuais, coletivos, cooperações com outras instituições do Brasil e do exterior. E continuamos procurando saber cada vez com mais abrangência e, ao mesmo tempo, mais precisão, o que é este

espaço. Rico. Fundamental para a compreensão da contemporaneidade, para a compreensão dos sujeitos, dos sentidos, dos processos de significação, para a política, para a sociedade na história. E, claro, para o próprio funcionamento da linguagem. Em um duplo movimento de compreensão, procuramos conhecer como a cidade se significa e como a linguagem se espacializa, em processos de produção de sentidos e de constituição de sujeitos.

Com esta história de estudos e pesquisas na área da relação cidade/linguagem, avançamos assim em uma forma de conhecimento amadurecida e que se estabelece em relações sólidas, e com um campo específico de questões, com outras áreas de saber sobre a cidade e sobre a linguagem. Os textos que aqui se apresentam são alguns exemplares desse modo de conhecimento.

Em minha análise, sobre o *Regimento* da fundação da cidade de São Salvador, como cidade e capital primeira do Brasil nascente, exploro a relação constitutiva dos sentidos que se impõem entre cidade e colonização. O início oficial da colonização se dá com a fundação desta cidade, capital, fortaleza, que passa a significar a tomada do território, sua apropriação, administração e atestação de existência no processo de colonização do Brasil. Assim como a rua é emblemática para a cidade, a cidade (capital), nestas condições sócio-históricas, é emblemática para o processo colonizador.

Pedro de Souza, em sua história de trabalhos em que toma a voz como unidade que explora discursivamente os sentidos, analisa canções no propósito de compreender os modos de produzir e significar a cidade. Como ele diz, sua contribuição está em rastrear configurações discursivas da cidade presentes na canção popular. A cidade escolhida é São Paulo: “Por outro lado, em *Sampa*, os vestígios do já-dito desencadeiam sentidos que ficam a dizer”. Mas não analisa só *Sampa*, mas também *Ronda*, *Perfil de São Paulo*, *Lampião de Gás*, num belo movimento de interrelações de sentidos.

Cristiane Dias, com sua reflexão sobre o numérico, a informática, toma o percurso de um avatar do *Second Life* na favela de Heliópolis, em São Paulo, e Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Analisa então o sentido das cidades virtuais ou digitais, visando compreender o que seriam cidades metafóricas na perspectiva discursiva da cidade digital. E nos propõe atentar para o fato de que a tecnologia provoca um estado de incerteza e nos cabe interrogar a visão de um mundo sem outra alteridade que aquela autorizada pelo modelo tecnológico e conforme sua linguagem: há um resto, segundo a autora, que deve se por como objeto de nosso interesse.

O artigo de Eduardo Guimarães faz a análise de um decreto que atribui a denominação de “cidade monumento da história Pátria” à cidade de São Vicente, mostrando como este decreto da ditadura militar (dos anos 1964/1984) projeta um sentido “nacionalista” sobre a história da cidade de São Vicente. Essa análise sustenta-se na consideração do aposto na relação com o nome próprio.

Cláudia C. Pfeiffer, desenvolvendo seus estudos sobre a Educação, e seu pressuposto da indissociabilidade escola/urbanização, leva-nos à compreensão da relação entre as políticas públicas e as teorias que as sustentam. Em sua análise, busca explicitar o modo pelo qual os sujeitos são interpelados pela administração jurídica do Estado no espaço das políticas de ensino assim constituídas. Apontando, criticamente, para a memória discursiva que sustenta a estabilização das políticas públicas na evidência da adaptação e, portanto, na manutenção da desigualdade estruturante das sociedades capitalistas, a autora nos alerta para o sentido opaco do que seja uma sociedade democrática.

José Horta Nunes apresenta uma análise da organização das praças públicas. Segundo o autor, na contemporaneidade, as praças são produzidas a partir de diferentes posições: a da administração pública, e as que são parcerias entre o público e o privado como as empresas, associações de bairro, escolas, moradores, movimentos sociais. Os discursos das praças são dirigidos a diferentes sujeitos ou grupos sociais, decorrendo daí uma grande diversidade e heterogeneidade. Pela sua análise, o autor vai mostrando a produção dessa diversidade e heterogeneidade, através de diferentes categorizações: praça histórica, praça seca (com pisos amplos e espaço para circulação do público), que abrigam multidões (mercado e consumo; arte e cultura). O discurso da organização das praças, de implantação de projetos, de intervenções no espaço público, se liga ao modo do Estado se apresentar na atualidade.

Marcos Barbai, em seu estudo, elege como objeto de observação o processo de fabricação visual, material e simbólica do espaço, da cidade, através das imagens dos circuitos de monitoramento urbano, sobretudo aqueles que administram o trânsito nas vias públicas. Analisa então uma multa de trânsito. O monitoramento urbano enquanto uma ferramenta de fabricação de uma imagem totalitária da cidade funciona como elemento de verificação de identidades, evidência de que a dispersão no espaço oculta sempre alguma coisa.

Mónica Zoppi analisa a disputa de espaço que serve socialmente à legitimação (ou não) de identidades. E seu objeto de análise, surpreendentemente, é a bicicleta. Ou melhor, ela analisa os processos de identificação do ciclista meio às contradições de diferentes discursividades (político-legislativas, de movimentos sociais e outras). Produzindo uma fina análise sobre os efeitos de um discurso homogeneizador sobre a mobilidade urbana, a autora nos convida a continuar, lembrando que a análise discursiva é “*um movimento em espiral, cujo fim é sempre provisório*” (Fuchs e Pêcheux, 1975).

Carolina Rodriguez explora as relações entre linguagem e cidade de uma perspectiva que relaciona a história das ciências e a história da cidade e que propõe a caracterização das *tecnologias lingüísticas* (escrita, gramáticas e dicionários) como *tecnologias urbanas*. A autora mostra o paralelo que se constata entre os *processos de gramatização* e *processos de urbanização* operados ao longo da história ocidental, e discute como esses processos são indissociáveis de um imaginário da escrita e do urbano, inserido no que chama de *memória da permanência*, que incide nas relações políticas instituídas tanto entre as sociedades como no interior das mesmas.

Valho-me assim do que diz Mónica Zoppi em seu texto, para deixar esta apresentação em movimento, em suspenso, esperando que as leituras se façam seguindo o princípio de que o fim é sempre provisório.

Eni Puccinelli Orlandi

Campinas, outubro de 2011.